



notícias do

microcrédito

associação nacional de direito ao crédito

BOLETIM INFORMATIVO DA ANDC | MAIO 2011 | NÚMERO 44

Microcrédito precisa-se!

O microcrédito não tem fim à vista. Gostaríamos de dizer o contrário, se tal significasse que os "sem-crédito" pudessem dele agora prescindir. Apesar do trabalho desenvolvido pelo mundo fora, desde há décadas, os que se ocupam em produzir pobres e excluídos não desarmam. Nós cá estaremos para lhes dizer, em cada caso de sucesso, resultante da iniciativa e da vontade de fazer uma outra vida, que também não desarmamos e que valeu a pena.

Nem sempre o nosso esforço é convenientemente compensado e por vezes as coisas não correm da melhor maneira, mas os que gostariam de ver o insucesso do microcrédito não nos verão partir, não nos verão abandonar o terreno.

Desde o início do século que a ANDC soube dizer o que deveria ser o projeto do microcrédito em Portugal. O trabalho arrancou lentamente, mas de forma consistente. Em 2008 foi apoiada a criação de cerca de 250 empresas. Quando festejamos os dez anos foi possível contar com mais de 1000 negócios que

viram a luz do dia e com taxas de insucesso muito reduzidas.

A partir de 2009 o ritmo diminuiu e hoje temos a "crise" a desafiar-nos. Como o toureiro em dia de festa brava, não lhe voltaremos as costas. Sabemos que na crise a capacidade para mobilizar a iniciativa pode retrair-se. Mas sabemos também, como são muitos os que com os seus saberes descobrem, em plena crise, nichos de sucesso que o desânimo de outros não permite descobrir.

A crise é, também, um desafio para a ANDC. Novos públicos despertam a necessidade da nossa atenção e intervenção. Deveremos ficar inertes quando cresce o número de desempregados, por vezes de excluídos, que aí chegam depois de saírem das Universidades?

Do mesmo modo que em relação às situações que mais têm caracterizado, no passado, o trabalho da ANDC, também aqui estamos na presença de muitos com capacidades acrescidas de poderem vir a ser homens e mulheres de sucesso. Apenas precisarão de um pouco de apoio e de capital inicial para lançarem o seu negócio.

O desafio para a ANDC é o de ser capaz de ir ao encontro deste novo público. Para o fazer terá de ser capaz de se requalificar e de criar novas formas de comunicação.

Não esqueçamos que este alargamento pode compatibilizar-se com estratégias locais de crescimento e de desenvolvimento, em territórios desertificados e onde muitos dos projetos de microcrédito poderão vir a desenvolver-se.

Temos de continuar trabalhando e convencendo autoridades públicas e privadas de que o microcrédito é uma forma eficiente, em termos de recursos utilizados, de tornar as sociedades e as comunidades mais coesas e, por isso, mais sustentáveis.

Não poderemos, igualmente, deixar de participar na dinâmica de reorganização do enquadramento do microcrédito que, desde há cerca de um ano, temos vindo a assistir em Portugal. Cremos que temos experiência e autoridade para desempenhar nesse processo um papel insubstituível.

MANUEL
BRANDÃO ALVES



O meu mergulho no Vale da Amoreira

Em Maio de 2010, ao abrigo do protocolo com o IHRU, a ANDC em parceria com a Rumo - Cooperativa de Solidariedade Social, CRL iniciou a sua intervenção no âmbito dos Percursos Integrados de Inserção e Desenvolvimento de Competências (PIIDC), no território do Vale da Amoreira.

Esta intervenção, inserida no Gabinete de Emprego e Apoio ao Empreendedorismo (GEAE) do Vale da Amoreira, pretendeu ir ao encontro de uma necessidade sentida pelo Gabinete de Inserção Profissional (GIP) que, ao tentar dar resposta às solicitações de emprego e formação dos seus utentes, identificou vários casos de difícil inserção no mercado de trabalho. Os principais fatores limitadores deste facto advêm da existência de um grande número de pessoas com um perfil de falta de competências básicas, que torna difícil o acesso a sistemas de educação, formação, inserção em mercado de trabalho ou empreendedorismo, nomeadamente, jovens com baixas qualificações à procura do 1º emprego, beneficiários do Rendimento Social de Inserção (RSI) e desempregados de longa duração.

Deste modo, o programa de PIIDC pretendeu facilitar a inserção no mercado de trabalho, através do desenvolvimento de competências pessoais e sociais, abordando e trabalhando com os formandos conteúdos como: definição de um Percurso Individual e Balanço de Competências Inicial, módulos de Competências Pessoais e Sociais, Portefólio, Igualdade de Oportunidades, Empreendedorismo, Empowerment, e terminando com um Balanço de Competências Final e possível reajustamento do percurso/projeto de inserção.

Em paralelo à integração neste Plano de Formação, os candidatos, de acordo com as áreas identificadas no Percurso Individual, são integrados em outras respostas, como Tecnologias da Informação e Comunicação, Aulas de Português



O programa de Percursos Integrados de Inserção e Desenvolvimento de Competências pretendeu facilitar a inserção no mercado de trabalho, através do desenvolvimento de competências pessoais e sociais...

para Estrangeiros, aumento de escolaridade, criação do próprio negócio, etc.. Sendo este um processo centrado no indivíduo, todas as respostas integradas paralelas ao Plano de Formação são de acordo com os desejos e necessidades identificadas por cada formando.

De Junho de 2010 a Março de 2011 foram dinamizadas 3 ações de formação de PIIDC, com cerca de 3 meses cada uma, e uma ação de Desenvolvimento de Competências inserida no programa de Promoção do Empreendedorismo Imigrante (PEI).

Todo este trabalho foi possível e potenciado através de vários fatores, nomeadamente, a constante adaptação das metodologias aos novos grupos de formação, a melhoria gradual da articulação das formadoras do programa de formação com as entidades encaminhadoras de candidatos, no sentido de se alcançar uma intervenção integrada, e a participação e envolvimento da Rede para a empregabilidade do Vale da Amoreira.

Considero que a presença e articulação da ANDC com estruturas locais de apoio ao emprego (seja por conta de outrem ou através da criação do próprio posto de trabalho) são de grande valor tanto para a Associação como para os territórios em que intervém.

Pela minha experiência, enquanto Técnica de Microcrédito e formadora do Programa de PIIDC, considero que esta experiência no Vale da Amoreira poderia traduzir-se numa nova estratégia de intervenção da Associação.

Se, por um lado, a aproximação aos territórios e aos potenciais empreendedores e o envolvimento numa alargada rede de parceiros poderão melhorar as estratégias de acompanhamento aos empreendedores, por outro lado, a minha experiência sugere que a ANDC, enquanto entidade que pretende, através do Microcrédito, fomentar a inserção social e a autonomia de pessoas com dificuldades financeiras ou em exclusão, poderia utilizar esta experiência para desenvolver um programa de desenvolvimento de competências (por exemplo competências empreendedoras e de preparação para o crédito) que potenciase os microempresários, ou seja, que os munisse de ferramentas que os ajudassem a ter negócios mais sustentáveis.

Do meu ponto de vista, o território do Vale da Amoreira beneficiou com a presença da ANDC, não só pela natureza da ação centrada no indivíduo, mas também, pelo facto de ser uma entidade externa ao território, realizando uma intervenção isenta, que a meu ver potencia a sustentabilidade deste tipo de iniciativas.

"Junte-se à comunidade. Viva com eles. Aprenda com eles. Estime-os. Comece com o que eles sabem. Construa com o que eles têm. Mas com os melhores líderes, quando o trabalho estiver terminado e a tarefa for cumprida, eles dirão: "Fizemos sozinhos!"."

Representando a ANDC neste projeto, desde Junho de 2010, tive a oportunidade de vivenciar uma experiência muito enriquecedora, tanto a nível profissional, como pessoal, se é que posso separar uma experiência da outra, já que, citando um provérbio italiano, "quem faz o

que gosta nunca vai trabalhar na vida".

Ao ser escolhida para desempenhar esta função no Vale da Amoreira, tive a possibilidade de desenvolver competências ao nível da formação de adultos em situação de exclusão, experienciar e envolver-me num trabalho de parceria, conhecer e entender melhor as pessoas residentes em bairros sociais e de trabalhar com técnicos altamente motivados que me inspiraram e desafiaram a ser cada dia uma profissional melhor, através da oportunidade de aprender e partilhar diferentes experiências.

Tive a possibilidade de observar, em primeira mão, a importância de atribuir a cada um a responsabilidade pelas suas escolhas, através da definição do percurso individual, e em como isto pode ser altamente transformador em pessoas com histórias de vida difíceis e consequente baixa autoconfiança. No entanto, o que realmente torna este trabalho gratificante é sentir que as pessoas se identificam e valorizam a formação recebida e que começam a utilizá-la no seu dia-a-dia.

Considero que o grande desafio foi compreender e, principalmente, aceitar que a verdadeira mudança está na mão de cada um e que todos temos um tempo para a mudança que deve ser respeitado. Só assim poderá haver uma verdadeira intervenção centrada na pessoa, respeitando a educação, cultura e entendimento de cada um. Desta forma, antes de ser técnica ou formadora, a minha preocupação foi ser uma pessoa melhor todos os dias porque considero que cada técnico deverá ter a humildade de se avaliar e aperfeiçoar para poder liderar pelo exemplo.

"Não se assinala o caminho apontando o dedo, mas sim caminhando à frente" - Provérbio Macua.

ANDC elege novos corpos sociais

A ANDC renovou os seus corpos sociais na Assembleia-geral de 28 de Março de 2011, tendo eleito para a Direção Manuel Brandão Alves (Presidente), Maria Adelaide Ruano (Tesoureira) e Jorge Wemans (Secretário). A mesa da Assembleia-geral ficou constituída por José Maria Azevedo (Presidente), Isabel Pinto Correia (Vice-presidente) e Isabel Cabral Cordovil (Secretária). Os associados João Gonçalves Pinto (Presidente), Luís Louro Pires (Vogal) e Vasco Ribeiro Ferreira (Vogal) formam o novo Conselho Fiscal.

A lista eleita apresentou-se reconhecendo que "a ANDC vive um momento difícil da sua vida", mas que "as razões que mobilizaram a fundação da ANDC continuam intactas. O seu objeto, i.e. a necessidade e possibilidade de dar às pessoas a oportunidade de reconstruírem a sua dignidade através da sua iniciativa, da criação de um negócio e, através dele, do seu emprego, continua não só inalterado como, mesmo, mais reforçado no mundo com que, hoje, nos confrontamos."

Na carta de intenções que suportava a candidatura, a lista eleita referia várias mudanças significativas ocorridas nos últimos anos. Entre elas salientava:



O seu objecto, i.e. a necessidade e possibilidade de dar às pessoas a oportunidade de reconstruírem a sua dignidade através da sua iniciativa, da criação de um negócio e, através dele, do seu emprego, continua não só inalterado como, mesmo, mais reforçado.

- a perceção que a sociedade e as suas instituições fazem do papel do microcrédito no combate contra a exclusão, exigindo-lhe uma intervenção de muito maior dimensão e a adoção de modelos operacionais mais eficientes e mais eficazes;

- o envolvimento, senão real, pelo menos mediático, de um muito maior número de instituições em operações de microcrédito;

- o reconhecimento, por parte dessas instituições, de que a mediação do microcrédito não tem custos operacionais relevantes, mas tem contrapartidas positivas não desprezíveis;

- a assunção, por parte de Governos e instituições internacionais, de que o microcrédito constitui um meio de combate à pobreza e à exclusão menos "consumidor" de recursos do que os que estavam associados aos instrumentos tradicionalmente utilizados;

Com este panorama de fundo, a candidatura propunha-se, entre outros aspetos, a agir com base nos seguintes pressupostos:

- reconhecer que a ANDC tem de continuar a existir, porque é grande o papel que pode desempenhar na clarificação dos caminhos a percorrer pelo microcrédito e no desenhar das decisões dos poderes públicos;

- compreender que o papel da ANDC, acima referido, não implica que a Associação, enquanto tal, esteja envolvida em atividades operacionais de microcrédito do mesmo modo como o fez até agora;

- estudar a possibilidade de vir a criar uma instituição financeira de microcrédito, juntando para isso outras instituições que estejam disponíveis para participar no seu capital social. Deveremos ser motores da dinamização de uma tal iniciativa se os contactos a estabelecer o justificarem.

Na mesma Assembleia-geral, aprovaram-se o relatório de atividades e as contas relativas a 2010. No início deste ano, em 31 de Janeiro, reunidos em Assembleia-geral, os associados tinham aprovado o orçamento e o plano de ação para 2011.

notícias

Microfinança Europeia reúne-se em Junho

A Rede de Microfinança Europeia (REM) de que a ANDC faz parte realiza a sua Conferência Anual em 9 e 10 de Junho, em Amsterdão e tem por tema: "Reforçar a Microfinança com serviços de acompanhamento: mas quem paga a conta?". Entre vários oradores, a Conferência conta com o comissário europeu para o emprego, assuntos sociais e inclusão, Laszlo Andor e com o Diretor do Fundo Europeu de Investimento, Marc Schublin. Para além da Conferência terão lugar naqueles dias diversos grupos de trabalho e seminários paralelos animados por representantes de instituições de microcrédito vindos de toda a Europa.

Direção reúne com Comissões de Crédito

Com o objetivo de fazer o ponto de situação do trabalho desenvolvido, a nova Direção realizou encontros com os presidentes das seis Comissões de Crédito (CC) da ANDC. Na troca de impressões foi também discutido o novo regulamento da CC que, depois de incorporar as sugestões recolhidas, entrará em vigor a 1 de Junho.

Bancos reafirmam parceria com a ANDC

No final de Abril, a Direção foi recebida pela Administração do BES e, posteriormente, pela Administração da CGD. Neste primeiro encontro com a nova Direção, ambos os bancos reafirmaram a importância que concedem à parceria que, através dos protocolos celebrados, vêm mantendo com a ANDC. Tendo a Administração do Millennium sofrido alterações na sua última Assembleia-geral e ainda não estando designado o administrador com o pelouro do microcrédito, só em Junho se realizará um encontro com esta instituição financeira.

IEFP: encontro com o presidente

No princípio de Maio, a Direção encontrou-se com o presidente do IEF, Francisco Madelino, tendo passado em revista os principais aspetos da atividade da ANDC em 2010 e debatido a evolução próxima do microcrédito, bem como a relação entre as duas instituições. A reflexão quanto ao futuro do microcrédito foi apenas iniciada e dará origem a novos encontros. Em Junho, realizar-se-á uma reunião a nível técnico para melhorar a comunicação e o enquadramento da ação da ANDC no conjunto dos programas desenvolvidos pelo IEF.

Formação no Vale da Amoreira

No âmbito do Programa Operacional de Potencial Humano (área da formação para a Inclusão), a ANDC, em conjunto com a Associação Portuguesa de Emprego Apoiado (APEA) e a Rumo - Cooperativa de Solidariedade Social, vai continuar a intervir no Vale da Amoreira (Lisboa), alargando o programa ao Barreiro e à Moita (Setúbal).

As ações de formação serão, no caso da ANDC, conduzidas pela técnica Joana Pinheiro e visam incrementar as competências básicas do(a)s destinatário(a)s, proporcionando a sua capacitação para estruturarem projetos de vida que possam contribuir para a sua inclusão social e profissional.

Voluntários em ação

O atendimento de quem quer contactar a ANDC conheceu um novo impulso durante o mês de maio com a organização de um grupo de associados voluntários que passou a assegurar durante as horas de expediente a receção de chamadas e pessoas interessadas em concretizarem um micronegócio. A revisão da base de dados dos associados e o contato com estes ficou, também em maio, entregue a um grupo de associados voluntários.

Um sonho em exportação

Com 38 anos de idade, o microempresário Altino Manuel Neto vive, com a sua esposa e dois filhos menores, numa aldeia do concelho de Macedo de Cavaleiros, onde as oportunidades de trabalho são quase inexistentes.

Antes de ter tomado conhecimento do programa microcrédito da ANDC, realizava apenas alguns trabalhos a título informal na área da construção civil e da agricultura, os quais lhe permitiam obter alguns rendimentos que, complementados com o apoio do Rendimento Social de Inserção, compunham o reduzido orçamento familiar.

A ideia de criar um pequeno negócio já fazia parte dos seus planos há algum tempo e já tinha mesmo tentado recorrer a vários programas de apoio, mas, por diversas razões, nunca tinha conseguido concretizar a sua ideia de negócio. Viu no microcrédito uma hipótese, que, embora exija muita responsabilidade, é muito simples e flexível e que não lhe colocou qualquer entrave pelo facto de pretender criar o seu negócio adquirindo bens em segunda mão, com o objetivo de reduzir o montante de investimento inicial.

Altino Neto, hoje, regozija-se por ter o seu negócio aberto há cerca de 18

meses e de atualmente empregar mais um trabalhador a tempo inteiro.

Apesar de ter consciência de que a concorrência nesta área de atividade é bastante feroz, decidiu avançar, pois tinha conhecimento que as empresas existentes na zona apresentam estruturas muito pesadas. Pensou que, criando uma microempresa com uma estrutura de custos muito baixa, conseguiria praticar preços muito mais concorrenciais num pequeno nicho de mercado, como é o caso das pequenas reparações.

O empenho, o espírito de sacrifício e a organização foram fundamentais para o sucesso do negócio. Atualmente, aproveitando o facto de

se localizar relativamente próximo da fronteira, começou a realizar alguns trabalhos em Espanha, onde procura novos mercados mais atrativos.

Hoje, o Altino Neto é um homem muito mais confiante. Questionado sobre a importância do microcrédito na sua vida, afirmou: "foi a ajuda de que necessitava para concretizar o meu sonho e com isso melhorar a situação financeira da minha família!" Altino disse ainda: "ter uma boa empresa implica investir muito de nós, mas não necessariamente ter de investir muito dinheiro!"

PEDRO SILVA
(técnico de microcrédito)

Olímpia Portela ficou bem na fotografia

Tendo concluído o 3.º ciclo iniciou uma carreira artística como modelo fotográfico. Foi bailarina de teatro e chegou a ser atriz de teatro de revista, televisão e cinema. Com o nascimento do filho, em 1997, interrompeu a atividade artística. Pouco tempo decorrido, empregou-se num estúdio de fotografia. Foi fotógrafa de estúdio, fotorreportagem de eventos interiores ou exteriores, para além de atender os clientes. Divorciada, um filho de 12 anos e baixo salário, cansada da rotina de 12 anos e frustrada por não se sentir valorizada como profissional na empresa, determinou criar o seu próprio estúdio. Foi em 2010 que contactou a ANDC para apresentar o seu projeto, com o objetivo de fazer diferente e melhor.

Apesar de ter bastante prática e conhecimento razoável do mercado ao nível de tecnologias, clientes, fornecedores, concorrência, hábitos e tendên-

cias dos consumidores, foi obrigada a posicionar-se na nova perspectiva de gestora. Percebeu que necessitava de adquirir competências em fotografia digital e frequentou um curso para manipulação e otimização digital de imagens.

É certo que a fotografia tem sofrido uma grande revolução tecnológica com diminuição de custos. Mas, mesmo com bons equipamentos - afirma - não é qualquer amador que alcança qualidade artística.

A candidata identificou um nicho de mercado pouco explorado, centrado nas grávidas, crianças, casais e books de modelo, onde o seu trabalho é reconhecido. Afirma ter o dom de deixar as pessoas descontraídas para melhor captar expressões e fazer de cada imagem um trabalho único. Mas sabe também que na vertente do trabalho exterior, da fotorreportagem a casamentos, batizados ou eventos

escolares a concorrência é feroz e é muito exigente gerir o tempo da decisão dos clientes.

Sabe ainda que o seu negócio tem sazonalidade forte nos meses quentes, pelo que é fundamental gerir poupanças para equilibrar a tesouraria nos períodos com menores resultados.

Na escolha do local para o estúdio teve que equacionar o binómio acessibilidade-renda. Ao fim de algum tempo veio a encontrar a ajuda providencial de um amigo. Fotógrafo publicitário e de reportagem, com quem Olímpia já havia trabalhado, convidou-a para trabalhar num estabelecimento na Praça do Movimento das Forças Armadas, no centro geográfico e comercial de Almada. O local tem boa visibilidade, o Metro Sul à porta, zona pedonal, cafés e escolas.

Sem caução a pagar, o valor acessível da renda partilhada constituiu também um importante incenti-

vo ao arranque do negócio. Houve assim disponibilidade coletiva para pintar a entrada do andar e arranjar, para além da sala do estúdio fotográfico, um espaço destinado à receção aos clientes.

A candidata demonstrou capacidade de autonomia, determinação na realização do seu projeto. A grande confiança revelada por parte de amigos e família, foram importantes fatores para a minimização do risco.

Devido à sua especificidade e complexidade este projeto constituiu um desafio ao técnico de microcrédito e à Comissão de Crédito que, no seu papel moderador, questionou opções técnicas e estratégias. O tempo decorrido entre o início da análise e a creditação não chegou a 3 meses. No final, a fotografia ficou bem.

PEDRO FÉLIX
(técnico de microcrédito)

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE DIREITO AO CRÉDITO

Projeto apoiado pelo IEFEP - Instituto do Emprego e Formação Profissional

N.º Azul: 808 202 922

<http://www.microcredito.com.pt>

Praça José Fontana, 4-5º andar 1050-129 Lisboa
Telf 21 315 62 00 | Fax 21 315 62 02

E-MAIL: microcredito@microcredito.com.pt

Rua Júlio Dinis, 728 - 2º Sala 226 - 4050-321 Porto
Telf/Fax 22 600 28 15

E-MAIL: microcredito@microcredito.com.pt

Proprietário e Editor:
Associação Nacional de Direito ao Crédito

Diretor:

José Maria Azevedo

Tiragem:

4 000 exs.

Sede da Redação:

Praça José Fontana, 4- 4º andar
1050-129 Lisboa

Design e paginação:

Alemtudo@sapo.pt

Tipografia:

Jorge Fernandes, Lda